

DESEMPENHO ESCOLAR DE CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ACESSO A PRÁTICAS LETRADAS. BRUNA ODORÍSSIO – PEDAGOGIA UFMS ANA LUCIA ESPÍNDOLA (ORIENTADORA)

BRUNA LATORRE DA SILVA ODORISSIO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL).

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo investigar a possível relação existente entre o desempenho escolar e o acesso a práticas letradas vivenciados por crianças oriundas das camadas populares. Assim, buscamos investigar de que forma a participação de um grupo de crianças em um projeto de contagem de histórias desenvolvido por uma equipe de professores e alunos da universidade federal de mato grosso do sul possibilita a superação de dificuldades especialmente em relação à língua escrita. Trabalhamos com uma pesquisa de cunho qualitativo em uma abordagem etnográfica. Os métodos utilizados para a obtenção dos dados se arrolaram em análises documentais e entrevistas com as professoras das crianças pesquisadas. Os documentos que foram analisados são boletins escolares, fichas avaliativas, avaliações, cadernos, todos estes relativos aos anos de 2006 (ano anterior ao ingresso no projeto), 2007 (ano em que ocorreu o projeto) e 2008 (ano posterior a primeira fase do projeto). As entrevistas procuraram identificar na fala das professoras se houveram mudanças significativas principalmente em relação a práticas letradas apresentadas pelas crianças. O trabalho investigativo que vimos realizando desde agosto de 2007 sobre práticas de letramento em meios populares tem nos levado a refletir sobre algumas questões que a princípio não estavam previstas no trabalho. Ao realizarmos uma avaliação parcial ao final do ano de 2007 do trabalho de contagem de histórias feito durante o segundo semestre deste ano nos deparamos com diversos depoimentos de mães participantes do projeto apontando melhora no desempenho escolar das crianças. As mães creditavam à participação no projeto e aos momentos de contagem de histórias a origem de tais mudanças. A avaliação que vimos realizando desde agosto de 2008 nos indica que tal hipótese tende a se confirmar.

Palavras-chave:

Desempenho escolar, Letramento, Crianças.

INTRODUÇÃO

No Brasil há cerca de 20 milhões de analfabetos resultantes de um processo histórico longo, com lutas políticas e ideológicas mal resolvidas. Mortatti (2004) diz que o estado tem o dever de propiciar a todos os indivíduos por meio da educação o acesso a leitura e a escrita, como uma das principais formas de inclusão social, cultural e política e de construção da democracia, sabemos que é papel da escola escolarizar os conhecimentos oriundos do mundo social. Neste processo de escolarização acaba-se muitas vezes por perder os significados que um conhecimento tem no mundo social devido à necessidade de adequá-los ao tempo e espaço escolar.

Observa-se que quanto mais longo o processo de escolarização, quanto mais as pessoas participam de eventos e práticas escolares de letramento mais serão bem sucedidas nos eventos e práticas sociais envolvendo a leitura e escrita.

Por outro lado, há também o questionamento se, assim como ter mais anos de escolarização favorece os eventos e práticas de letramento o contrário não poderia ser considerado. Ou seja, os eventos e práticas de letramentos vivenciados poderiam possibilitar mais tempo de escolarização e/ou melhor, desempenho escolar.

Assim, estudos têm demonstrado que a vivência de práticas de leitura e escrita em ambientes ricos nestas experiências motiva as crianças para ler e escrever além de levá-las a refletir de forma mais sistemática sobre a leitura e a escrita. Os estudos sobre letramento foram se alargando no decorrer do tempo a fim de examinar as expansões que o uso da escrita proporcionou e a integração desta como uma tecnologia. Podemos usar como exemplo os estudos sobre as práticas de letramento de grupos analfabetos que interagem com grupos letrados a fim de investigar as consequências sociais, afetivas e lingüísticas que esta inserção social ocasiona.

A detenção da técnica da escrita e da leitura na cultura contemporânea adquiriu um grande valor nas sociedades urbano-industriais, por ser esta uma ferramenta que possibilita o desenvolvimento de várias outras habilidades valorizadas nesse contexto. Galvão realizou em seu livro "Preconceito contra o analfabeto" (2007) uma atividade de reflexão sobre a seguinte questão: "qual a idéia que vem a sua mente, quando escrita ou lida, a palavra *analfabeto*?" (p: 13), em um programa para alfabetizadores, intitulado "Brasil alfabetizado", as respostas eram em maioria carregadas de um sentido negativo.

A questão do analfabetismo não é vista como procedimento de exclusão social e sim como um fracasso pessoal que desencadeia artifícios discriminatórios e humilhantes a estes. A grande maioria dos analfabetos é oriunda de zonas rurais e por terem que trabalhar desde cedo ou pela falta de escola nestas áreas as situações de leitura e escrita foram poucas nas vidas dessas pessoas e os que migravam para os centros urbanos se depararam com situações de constrangimento.

Sem domínio destas habilidades, os analfabetos não se ressentem somente das limitações objetivas com que se defrontam, mas se sentem especialmente constrangidos com os rótulos pejorativos e a desclassificação simbólica que a sociedade lhes impõe (GALVÃO, 2007, p: 20).

O estigma sofrido pelos analfabetos, para Galvão, tem conotação de deficiência moral e intelectual em discursos camuflados difundidos pela mídia, dizendo que estes não têm discernimento dos atos bons ou ruins. Porém existem os que não sabem ler ou escrever que não se sentem diminuídos por isso, mas isso ocorre raramente e mesmo para estas pessoas existe o sentimento de frustração já que são restringidos na sua autonomia. O preconceito tem que ser situado em relação à sociedade e tempo determinado, pois este não é natural nem universal, a cada época têm-se discursos que de forma disfarçada ou não são reveladores de preconceitos.

Muitos movimentos surgem com o intuito de erradicar o analfabetismo visando alterar este quadro socioeconômico e político. O analfabetismo nestes casos é visto como efeito de uma sociedade injusta e não igualitária e, por sua vez, a alfabetização é vista com o intuito de transformação da realidade social. "O lugar

simbólico do analfabeto na sociedade é histórico e por isso pode ser transformado" (GALVÃO, 2007, p: 53).

Galvão acredita que as pesquisas possam ser mediadoras da busca pela superação do preconceito e também possam fornecer elementos teóricos para que as práticas pedagógicas possibilitem a inserção daqueles que não sabem ler nem escrever em uma sociedade grafocêntrica. Atribui-se ao analfabetismo o problema do atraso da sociedade brasileira, ignorando a complexidade desses processos, quando, no entanto o estudo do passado constata que existe um período de atraso, contratempos etc., que não podem ser descartados ao analisarmos estas questões socioeconômicas.

Por muito tempo o direito ao voto foi negado ao analfabeto, este fato traz implícita a idéia de que a pessoa que não sabe ler nem escrever não teria discernimento para optar por algo e que estes seriam vulneráveis a manipulação. No entanto os estudos realizados por Ana Maria Galvão mostram que há ligações entre alfabetização e cidadania, porém são bem mais complexos e não devem ser interpretados como único fator determinante. Galvão faz uma citação de Magda Soares (1990) onde esta questiona a ênfase que se costuma atribuir a alfabetização como instrumento de promoção da cidadania, sendo que a conquista dos direitos sociais, civis e políticos vão sendo construídos, sobretudo nas práticas de organização, participação e reivindicação dos grupos populares.

Letramento se diferencia da palavra alfabetização porque denota a inserção nas práticas sociais de leitura e escrita, e não apenas a mera aquisição da tecnologia do ler e do escrever (SOARES, 1999).

Uma colocação que Soares faz "é que um indivíduo pode não saber ler nem escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser de certa forma letrado" (SOARES, 1999, p: 24), se este vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presença forte, se ele (a) se interessa em ouvir a leitura de jornais, se recebe cartas que outros lêem, se pede que alguém leia avisos esse analfabeto, por estar em ambientes de letramento, é de certa forma letrado.

Por volta dos anos sessenta os alunos das camadas populares conquistavam o direito à escolarização, com isso uma nova clientela surgiu para a escola com padrões culturais e variantes lingüísticos diferentes da clientela habitual que adivinha das classes dominantes. Neste contexto o ensino da língua portuguesa, que antes se focava no ensino da gramática, pois a classe dominante já era falante da norma padrão culta e a escola apenas precisava ensinar alguns funcionamentos desta, passa a ser nitidamente instrumentalizada, pois com a expansão do capitalismo o objetivo do ensino e sua função é a de fornecer recursos humanos para o desenvolvimento industrial, os objetivos agora são pragmáticos e utilitários, ou seja, o aluno é apenas receptor e decodificador de mensagens. (SOARES, 2003)

Alfabetizar significa então: adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita (escrever) e vice versa. O conceito de alfabetização depende, assim, de características culturais, econômicas e tecnológicas, ou seja, é um processo de natureza complexa. É assim impossível formular um único conceito de Alfabetismo, adequado a qualquer contexto cultural ou político.

A diferença feita entre o termo alfabetização e letramento pode ser explicado pelo fato de que em certos grupos sociais, as crianças são letradas, no sentido de possuírem estratégias orais letradas, antes mesmo de serem alfabetizadas (KLEIMAN, 1995), por exemplo, uma criança que compreende uma história de

fadas que lhe é contada, esta criança está participando de um evento de letramento.

Kleiman define letramento como:

Um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto tecnologia em contextos específicos e a dicotomia alfabetizado e não alfabetizado passam a ser apenas um tipo de prática- de fato dominante, que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outras" (1995, p: 19).

O presente trabalho trata de uma experiência sobre a inserção destas crianças oriundas de classes populares em um projeto chamado "Mães, crianças e livros: incentivando práticas de letramento em meios populares" no qual lhes é proporcionado um encontro mensal[1] entre as crianças e suas respectivas mães para estarem escutando histórias e realizando atividades sobre as histórias juntas, lhes proporcionando a participação em um evento de letramento.

A simples inserção destas crianças na escola não é suficiente para o sucesso escolar já que não é oferecido, às classes populares, suporte para que desfrutem por completo deste universo, não há bibliotecas onde as crianças possam usufruir de materiais escritos, não há incentivo para o verdadeiro envolvimento com a cultura letrada. Neste sentido pensamos em que a participação neste projeto pode auxiliar estas crianças a ter um melhor desempenho em relação à língua escrita. Assim, nos perguntamos qual a influência que o projeto exerce sobre estas crianças no que tange seu desenvolvimento escolar? Pensando nestas questões desenvolvemos este plano de trabalho.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente plano de trabalho foi a pesquisa de cunho qualitativo do tipo etnográfica, seguindo os critérios de André (1999) que são: constante interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado; o pesquisador é quem coleta os dados e os analisa; ênfase no processo e não no produto final; preocupação com a maneira própria com que as pessoas vêem as experiências e o trabalho de campo onde o pesquisador aproxima-se das pessoas e situações mantendo um contato direto e prolongado.

Segundo André (1999) um trabalho pode ser caracterizado como do tipo etnográfico quando faz uso das técnicas tradicionalmente utilizadas pela etnografia, qual sejam a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos.

O objetivo da pesquisa se centrou em investigar a possível relação existente entre o desempenho escolar e o acesso a práticas letradas vivenciadas por crianças oriundas das camadas populares.

Para proceder a análise dos dados coletados, após entrevistarmos as professoras que lecionaram aos sujeitos pesquisados no ano anterior ao projeto e nos anos em que a criança participou do projeto e transcrevermos as entrevistas realizadas, analisamos e separamos por categorias as respostas das professoras buscando identificar: qual o comportamento do sujeito antes da participação no

projeto (se produzia bons textos, se gostava de ler etc.) e se houve mudanças significativas quanto ao desempenho escolar após a participação no projeto.

Além disso, realizamos também observações participantes no grupo no qual este estudo é centrado. Ao analisar as entrevistas separamos as respostas por categorias as quais descrevo com detalhes a seguir.

Análise das entrevistas

As entrevistas e discussões realizadas nos permitiram intuir algumas categorias as quais descreveremos a seguir:

• 1- Apontamentos acerca do comportamento

• 1.1- Aspectos afetivos e emocionais: An

Ao analisarmos as entrevistas realizadas com as professoras, que lecionaram aos sujeitos pesquisados antes da participação destes no projeto[2], podemos perceber que havia uma preocupação por parte das professoras, quando perguntadas a respeito do desempenho escolar, em relatar o comportamento das alunas em sala de aula. Ao perguntarmos para Edi[3] sobre o desempenho escolar da aluna An nos respondeu:

A An ela não teve muita dificuldade em ser alfabetizada não, foi uma das primeiras até a conseguir isso dentro da sala de aula é uma menina muito calma né prestativa gostava muito das aulas prestava atenção então o desempenho dela no primeiro ano foi muito bom.

(entrevista realizada no dia 03/04/2009)

Nota-se que a professora Edi Considera que An tinha um bom desempenho, pois esta tinha um comportamento equilibrado, participativa e ao mesmo tempo calma.

Esta observação se torna mais clara quando perguntamos a professora Edi Sobre as produções de texto da An , mas agora em relação ao ano de continuidade do projeto[4], ela responde:

Ótimas produções dela né ela era a An esse ano 4° ano até ela assim mais dispersa ela tava assim mais mais **não dispersa em termo de como fala dificuldade** (grifo meu) mas de observar mais(...). (entrevista realizada no dia 03/04/2009)

Torna-se explícita a relação feita entre dispersão e dificuldade, tanto que a professora quer deixar claro que no caso não é nesse sentido que ela quer dizer.

Na entrevista com a professora Iv, que foi professora da An no ano em que o projeto acontecia[5], o comportamento da aluna, segundo a professora, interferia no aproveitamento do conteúdo, opinião revelada quando lhe pergunto sobre o desempenho escolar:

Ela era uma aluna muito empenhada, muito caprichosa pelo que eu me lembro **NÉ** (grifo meu), era muito caprichosa, ela tinha bastante facilidade pra escrita, é mas ela assim ... o comportamento dela ela conversava muito o que dificultava as vezes ela ... a concentração dela nas atividades, e ela tinha um pouquinho de dificuldade na matemática. (entrevista dia 26/05/2009)

A professora Iv deixa claro no início da entrevista que discorda da pesquisa por não se lembrar com precisão da aluna, inclusive tivemos que levar fotografias das alunas para que esta se recordasse.

• 1.2- Aspectos afetivos e emocionais: Khet

Pode-se identificar a relação que a professora faz entre o desempenho escolar e o bom comportamento da aluna e esta relação fica mais evidente quando perguntamos a professora Roz Sobre o desempenho da aluna Keth: "Bem ela era uma aluna esforçada tinha força de vontade, mas assim ela não gostava de muito de conversa ela assim não se entrosava muito com os colegas." (entrevista realizada dia 22/05/2009)

A professora Roz não revela de forma explícita que Keth teria um bom desempenho. A professora relata apenas que era esforçada, o que denota certa dificuldade, e a considera introvertida. Nesta perspectiva entende-se que o desempenho das alunas é medido, pelas professoras, pelo grau de introspecção destas tanto com a aula como com os companheiros de sala etc.

A professora Neu que lecionou à Keth no ano de 2008 percebe-se o mesmo conceito com relação ao comportamento e a aprendizagem,

É o que eu me lembro da Keth é que no início a Keth era uma menina muito tímida, muito calada, **é e que eu acreditava assim pelo jeito da Keth que ela poderia ter um desempenho melhor** (grifo meu) do que ela tinha no início, eu fui motivando esse lado dela, e o que eu me lembro é que ela foi crescendo no conhecimento, e o que eu me lembro agora também é que ela teve um desempenho melhor na matemática. (dia 26/05/2009)

Identifica-se na fala da professora que o jeito quieto da aluna poderia auxiliá-la a melhorar o desempenho. De uma maneira geral as professoras entrevistadas

demonstram nas falas que um comportamento mais tranqüilo no sentido de falar pouco, permanecer no lugar, vem a ser sinônimo de bom aluno mesmo que este tenha dificuldades.

• 1.3- Dificuldades relatadas

Ao perguntar sobre as possíveis dificuldades apresentadas pelas alunas as professoras de 2006 relataram sobre a matemática, as duas alunas tinham dificuldades nessa área. Professora Edi sobre a An:

Um pouquinho mais na matemática eles demoraram um pouquinho a An demorou um pouquinho mais de pegar né as noções da matemática mas nada que prejudicasse ela no desempenho dela não. (dia 03/04/2009)

Professora Roz sobre a Keth: "Ela tinha dificuldade mais em matemática em português até que ela ia muito bem" (entrevista realizada dia 22/05/2009). As professoras de 2007 descrevem a mesma dificuldade, só em 2008 esta dificuldade desaparece do discurso, sobre a Keth a professora Neu aponta outra dificuldade:

Assim pra ser considerada uma dificuldade de aprendizagem a Keth não tinha, ela tinha algumas dificuldades na questão ortográfica, ela tinha na hora de elaborar uma sentença, ela tinha algumas dificuldades que eu acho até que eram compatíveis com o ano[6] que ela estudava. (dia 26/05/2009).

Em relação à matemática a professora Neu nos apresenta um dado interessante ela conta que no ano de 2008 houve na sala em que ela trabalhava a realização de um projeto de letramento matemático onde as crianças realizavam produções de textos e inseriam nestes as questões matemáticas que eles estavam estudando e devido a este projeto não havia grandes dificuldades com a matemática, e ela acrescenta que esta idéia partiu da parceria da escola com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

• 2. Práticas pedagógicas em relação à leitura

As práticas em relação à leitura em sala de aula eram variadas, cada professora trabalhou de uma forma e avaliavam esta pratica de formas diferentes também. A professora Edi, por exemplo, conta que antes de participar de um grupo de estudos sobre os contos de fadas ela trabalhava de forma "massacrante" a literatura,

Eu pecava um pouco na alfabetização eu usava muito a literatura pra alfabetizar não deixa essa leitura né né só no prazer então eu acho hoje depois que eu comecei a fazer o projeto também da faculdade "Contos de fada" com a professora

Eli a gente aprendeu esse outro lado da da do contos de fada né da literatura que primeiro é o prazer né não posso ficar massacrando isso criança a imaginação dela primeiro e eu sei que no primeiro ano eu pequei muito nessa área de ficar mais preocupada com a alfabetização do que talvez em trabalhar a imaginação o prazer da literatura em si.

Percebe-se a diferenciação que a professora faz entre ler por prazer e ler para alfabetizar, sendo que envolver a criança com a literatura mesmo que só pela diversão é um ato de letrar e um meio de alfabetizar, pois segundo Soares (2001) "letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas praticas sociais de leitura e de escrita" (p. 44).

A professora Iv empregava outro recurso que a escola oferecia, o aparelho de som, ela mencionou que colocava historinhas pras crianças ouvirem e depois ela pedia pra eles recontarem a historia, não era cobrada a escrita. A Neu utilizava uma caixa de livros fornecida pela escola e deixava os alunos a vontade pra escolher e ler os livros que quisessem,

Trabalhava leitura tanto a leitura dos textos que a gente trabalhava na língua portuguesa,eu trabalhava a entonação dos textos como se lia e a gente trabalhava leitura, a escola contem uma (...) a nossa biblioteca é uma caixinha com livros eu levava essa caixinha de livros pra sala é e eles escolhiam a vontade o livro que queriam ler, era uma atividade que eles gostavam muito de fazer, eles pegavam os livros e liam e todos participavam bem. (dia 26/05/2009)

A professora Roz usava a leitura para estimular à escrita, ela descreve que no começo ela lia a estória pra eles depois eles liam e faziam um resumo. Cada professora da um sentido a leitura, tanto como os objetivos são diferentes.

• 3. Aspectos sobre o projeto

De uma maneira geral quando pergunto qual a opinião das professoras sobre a participação de suas alunas em um projeto de leitura e qual visão têm do projeto, as respostas são positivas, todas apóiam a iniciativa e acreditam que o projeto ocasione uma melhora na sala de aula.

A professora Edi deu aula à An quando ela ainda não participava do projeto em 2006 e foi sua professora novamente em 2008 quando An já participava do projeto, quando lhe perguntei se ela notou alguma mudança ela nos traz um dado interessante;

a An esse ano 4° ano até ela assim mais dispersa ela tava assim mais mais não dispersa em termo de como fala dificuldade mas de observar mais ela observava muito então se falava assim: -An vamo?(professora) -A ta tia vo começa!(An),

mas quando ela começava ela ia embora sabe continua muito bem escrevendo bastante.(dia 03/04/2009)

Perguntamos-lhe então a quê ela atribuiria essa dispersão, se havia algum problema e ela disse:

Não não é mais imaginação mesmo que ela gosta é você ta falando ela ta observando, -An o que que foi? (professora), - Não tia to pensando aqui to...! (An), então é mais assim por aguçado mesmo né imaginar bastante, que ela adora ouvir histórias e tanto que conta isso na sala de aula.(dia 03/04/2009)

Quando a professora Edi descreveu como a An era em 2006, ela conta que ela sempre adorou histórias, mas que em 2008 ela prestava mais atenção aos detalhes e isso enriqueceu mais suas produções textuais, perguntei-lhe sobre o projeto se ela considerava que esta participação alterava o desempenho,

Muito até gostaríamos assim que fossem todas as mães que participassem todos os alunos né, que tem uma grande diferença dentro da sala de aula, porque a gente trabalha muito com literatura na sala, o gostar de ler e isso faz parte da sala de aula e faz falta pra quem não gosta né, então é diferente de uma criança que gosta de ler que participa de um projeto de leitura pra quem não participa. (dia03/04/2009)

De uma maneira geral as professoras atribuem ao projeto algumas mudanças das alunas, mas fazendo uma análise percebe-se que a postura das professoras com relação a como trabalhar a leitura foi se modificando ao longo dos anos.

CONCLUSÃO

Pudemos perceber ao longo das análises e observações que a participação dos sujeitos pesquisados em um projeto de leitura auxilia-os no sentido de enriquecer suas produções textuais aguçando-lhes a imaginação e o contato e a convivência com outras pessoas que não são as de seu círculo escolar acaba modificando seu comportamento, no caso de An esta passou a prestar mais atenção aos detalhes e no caso de Keth esta passou a ser mais desinibida, estas mudanças foram as mais significativas encontradas, mas percebemos também que a maneira como as professoras trabalham a leitura em sala de aula também contribui para o avanço destas alunas, assim como o interesse e o comprometimento das mães no rendimento escolar de suas filhas é de suma importância para que estas se empenhem nos estudos.

Desta forma acreditamos que a interação com as práticas letradas auxilia no sentido de dar continuidade ao processo de letramento da criança, fazendo-a vivenciar de forma diversificada as práticas de leitura, o que lhe mostra novas possibilidades de histórias, de escritas, de interação com este universo. A pesquisa

nos mostrou que é de grande importância para estas crianças das classes populares esta oportunidade de participar de um projeto que lhes apresente o prazer dos livros. Soares, ao analisar o poema sobre letramento escrito pela estudante asiática, Kate M. Chong diz:

Letramento é ler histórias que nos levam a lugares desconhecidos, sem que, para isso, seja necessário sair da cama onde estamos com o livro nas mãos, é emocionar-se com as histórias lidas, e fazer, dos personagens, amigos. Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo (delinear o mapa de quem você é), e é descobrir o que você pode ser. (apud SOARES, 2001, p 43)

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. **Etnografia da prática escolar**. Campinas-SP: Papyrus, 1999.
- ABREU, M. Os números da cultura. In: RIBEIRO, V. M. **Letramento no Brasil**. São Paulo - SP: Global, 2003.
- GALVÃO, A. M. O. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo-SP: Cortez, 2007.
- GALVÃO, A. M. O. Oralidade, memória e narrativa: elementos para a construção de uma história da cultura escrita. In: GALVÃO, A.M.; MELO, J.; SOUZA, J. F.; RESENDE, P. C. **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte-MG: Autentica Editora, 2007.
- KLEIMAN, Â. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas - SP: Mercado de Letras, 1995.
- MORTATTI, M. R. L. **Educação e letramento**. São Paulo-SP: Editora Unesp, 2004.
- RIBEIRO, V. M. **Letramento no Brasil**: Reflexões a partir do INAF. São Paulo-SP: Global, 2003
- RIBEIRO, V. M. Por mais e melhores leitores: uma introdução. RIBEIRO, V. M. In: **Letramento no Brasil**: Reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo- SP: Editora Global, 2003
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo horizonte - MG: Autentica 2001.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. Belo Horizonte - MG: Contexto, 2003.
-

[1] Inicialmente os encontros foram previstos para acontecerem semanalmente. Esta prática tornou-se inviável e os encontros passaram a ser quinzenais. Novamente por questões operacionais alteramos a periodicidade dos encontros que, a partir de 2009, acontecem mensalmente.

[2] O ano anterior a participação das alunas no projeto é o ano de 2006.

[3] Ao nos referirmos aos sujeitos analisados usaremos apenas as iniciais destes.

[4] O ano ao qual me refiro é o ano de 2008.

[5] Ano de 2007.

[6] Em 2008 a Keth estava na 5º ano